

AMERICANAH E A FICÇÃO MOVENTE DA ESCRITORA NIGERIANA CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

ANA PAULA FONTES E SILVA¹

EDNA SOUSA CRUZ²

AFILIAÇÃO

¹ UEMASUL – CCHSL - R. Godofredo Viana, 1300 - Centro, Imperatriz - MA, 65900-000

RESUMO

Esse trabalho teve por objetivo examinar as contribuições da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie para o campo social e literário a partir da análise do romance *Americanah* (2013). Investigaram-se aspectos inerentes ao cotidiano do sujeito pós-colonial dentro de um processo de (des)construção de identidades de sujeitos em situação de diáspora que, ao deslocarem-se para outros países, deparam-se com situações conflitantes em sua maioria em decorrência de suas origens e gênero. Por meio de uma narrativa vivencial, Adichie discorre sobre o cotidiano do sujeito diaspórico que se sente deslocado e identitariamente longe de sua terra. O *corpus* desta pesquisa, compõe-se da análise de excertos da obra em pauta centrados em figuras principais do romance. Neste, são evidenciadas as limitações e dificuldades do sujeito migrante em relação à adaptação ao novo lugar, empregabilidade e aos enfrentamentos decorrentes de questões relacionadas à autoimagem da mulher negra, a partir da relação com o cabelo afro. Em termos conceituais, as fontes teóricas utilizadas atuam na construção empírica da relação entre a obra e temáticas que envolvem racismo, colonialismo, patriarcado e desigualdades sociais, sendo norteadoras para o entendimento das relações de laços de poder e suas implicações no espaço diaspórico. A leitura analítica dos dados sinaliza que em *Americanah*, a autora, ao apresentar personagens complexos e multifacetados rompe com estruturas dominantes através de uma escrita de resistência que evidencia emblemas raciais e culturais da vida de sujeitos em movência.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura africana; *Americanah*; identidade do sujeito diaspórico.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, a prática literária foi marcada por representações ocidentais e masculinas que ditavam regras e valores sobre métrica e composição na Literatura. Santos (2020) destaca que a produção literária do século XIX e início do XX privilegiou a agenda ocidental, determinando uma marginalização da produção literária composta pelo marcador étnico, racial e de gênero. O conhecido cânone literário determinou a influência em produções, desenvolvendo tradições literárias que por muito tempo valorizou obras produzidas em solo ocidental, marginalizando vozes minoritárias.

Para Bonnici (1998) o cânone literário está intrinsecamente ligado às estruturas de dominação e poder. O autor sugere que os grupos sociais que detêm o poder determinam o valor e grau de importância das obras literárias, ao passo que relegam as obras consideradas não canônicas à marginalização e ao desconhecimento. A hegemonia literária, a que alude o autor, compõe-se num cenário excludente que renega ao anonimato a escritura feminina, principalmente a negra e demais minorias étnicas. Neste cenário de dominação cultural, a literatura pós-colonial se projeta com pretensão de possibilitar com que autorias de países outrora colonizados possam responder aos colonizadores e aos efeitos da colonização.

Ainda segundo Bonnici (1998) a literatura pós-colonial emerge como resposta ao discurso do colonizador, objetivando a superação das marcas do colonialismo, sobretudo no segmento cultural. Ela se firma como uma fonte motivadora de debates sobre as problemáticas envolvendo as relações de poder que fixam o sujeito colonizado sob uma posição de subalternização. Essa literatura explora e evidencia realidades para além da hegemonia do colonizador. Temáticas como marginalização dos povos colonizados, língua, identidade cultural, ancestralidade e resistência, são frequentemente abordados nessas produções literárias.

A literatura pós-colonial produzida em África atua no sentido de reafirmar que as produções literárias não têm como matriz única o Ocidente. A desconstrução de perspectivas limitadoras no fazer literário perpassa produções de autoria afro-feminina, porque elas evidenciam as múltiplas realidades que existem no continente africano. Aqui destacamos as contribuições da escrita de Chimamanda Ngozi Adichie como um instrumento de denúncia da opressão imposta da intersecção de raça e gênero sob a luz das experiências de personagens femininas afrodiáspóricas.

Nascida na cidade de Enugu, na Nigéria, a escritora Chimamanda Ngozi Adichie destaca-se como um dos maiores nomes da literatura africana do século XXI (Hewett, 2005).

Com uma coletânea de romances que habilmente entrelaça fatos históricos com tecido ficcional, a autora vem se destacando na contemporaneidade com narrativas vivenciais que apontam a figura feminina em posição de protagonismo (Cruz, 2022). Através de sua escrita de resistência, a autora faz uso do espaço concedido pela literatura para evidenciar as múltiplas facetas do povo africano, sobretudo no que diz respeito ao cotidiano da mulher negra e africana em situação de diáspora.

A escrita adichiana fundamenta contribuições em questões inerentes à negritude e ao pensamento feminista decolonial, a exemplo do romance *Americanah*, o qual centraliza-se nas experiências dos personagens Ifemelu e Obinze. Ambos, ao deixarem seu país de origem - a Nigéria - experienciam os desafios advindos da mobilidade transcontinental. A narrativa tecida sobre a protagonista Ifemelu, mostra os dilemas em ser uma mulher negra e africana longe de sua terra. Os desafios enfrentados por Ifemelu transcendem as fronteiras geográficas e se expressam de forma intrínseca aos conflitos relacionados ao preconceito racial e de gênero, como também sua luta na construção da autoimagem e na relação com o cabelo afro. Obinze, também imigrante, esbarra com desafios que percorrem o preconceito racial e geográfico.

METODOLOGIA

Esta pesquisa de caráter interdisciplinar intentou dialogar com estudos sobre o pensamento social e literário, a partir da análise do romance *Americanah*. Para o desenvolvimento deste estudo, a princípio, houve o aprofundamento da análise da obra por meio de uma leitura crítica e contextualizada, buscando uma efetiva compreensão das temáticas aqui investigadas. A partir do recorte da obra para este estudo foram delimitadas as fontes teóricas por meio das quais fosse possível articular um diálogo com a temática racial e de gênero presentes no romance. A fundamentação teórica que transita nesta investigação, aborda questões como colonização, literatura pós-colonial, feminismo e identidade afrodiaspórica

A análise interpretativa da obra operou-se pela análise de fragmentos selecionados que dialogam com representações de descolonização cultural sobre a identidade do sujeito negro africano na contemporaneidade. Sobre a dinâmica desta investigação, foram realizados encontros quinzenais entre pesquisadora e orientadora, objetivando alinhar os estudos e leituras sistemáticas bem como a elaboração de fichamentos necessários para o

desenvolvimento desta investigação. O cronograma e os objetivos propostos foram cumpridos em consonância com a construção desta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As experiências de Ifemelu são ambientadas nos Estados Unidos e as de Obinze na Inglaterra. Tanto Ifemelu quanto Obinze foram afetados por um movimento que se estendeu ao longo de anos na Nigéria: o fenômeno do deslocamento. A obra *Americanah* da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, narra a história da jovem nigeriana Ifemelu que imigra para os Estados Unidos para estudar. A mobilidade transcontinental é um dos elementos chave da narrativa, à medida que os personagens se deslocam de um continente para outro e suas experiências em outros países moldam o percurso fora da Nigéria, seu país de origem. Para Braga (2019), essa questão surge como resultado das políticas de corrupção que afetaram as instituições de ensino na Nigéria, sobretudo nas universidades, criando uma tensão que impulsionou mudanças geográficas.

As múltiplas facetas do deslocamento são problematizadas em *Americanah* a partir das experiências de diversos personagens. Assim como Ifemelu e Obinze, Tia Uju, Ginika, Kosi, entre tantos outros, têm suas vivências retratadas na obra a partir do que experienciam fora do seu país. Cada personagem vivencia o deslocamento geográfico de maneira distinta, as histórias narradas na obra também perpassam o deslocamento identitário desses indivíduos através da difusão cultural provocado a partir da movência para outros países.

A narrativa tecida em *Americanah* enfoca uma leitura que aponta a problemática do papel da diáspora na formação de identidades híbridas. As experiências diaspóricas retratadas no romance possibilitam o questionamento sobre temáticas que envolvem a intersecção entre raça, classe e gênero, tensionadas nas dificuldades enfrentadas pelos personagens no espaço diaspórico em que transitam. No contexto da adaptação cultural, os personagens da obra de Adichie, se deparam com dilemas que percorrem o preconceito racial, linguístico e da imagem física, especialmente em relação ao cabelo afro.

Nos capítulos dedicados à vida de Ifemelu, o leitor é apresentado a um enredo não-cronológico que acompanha as trajetórias da personagem em seu movimento de deslocamento e os desafios enfrentados por ela para se adaptar em um país de tradições racistas. A protagonista do romance vivencia situações que a fazem questionar a sua identidade de mulher negra e africana. Em *A identidade cultural na pós-modernidade*,

Stuart Hall (1992; p.12) desconstrói a ideia do sujeito vivido como sendo composto de uma identidade única e estável, o autor destaca que posto a fragmentação do sujeito, as identidades a que ele se filia se deslocam continuamente. Para Ifemelu, esse deslocamento surge da experiência em diáspora, problematizada a partir dos questionamentos da personagem em relação a sua própria aparência e cultura, dentro de uma estrutura social que barra a expressão plena de diversas identidades.

Adichie explora em diversos momentos da obra os sentimentos de auto descoberta de Ifemelu. A autora também tensiona a reação da personagem diante do desconhecimento que o Ocidente tem a respeito de sua origem e cultura. Isso é ilustrado no seguinte trecho da obra: “Não é maravilhoso que possa vir para os Estados Unidos e que agora os seus filhos possam ter uma vida melhor? “As mulheres podem votar no seu país?” (Adichie, 2014, p. 290). Esta ausência de informação, para Sousa (2021) é comparável à crença de superioridade das sociedades hegemônicas. Adichie (2009) adverte sobre o perigo de uma história única, na qual a África é apresentada sob um prisma homogêneo, desconsiderando a diversidade de povos e culturas. Observa-se, a partir deste fragmento que nas representações sociais construídas sobre o continente africano que circulam no romance, há um imaginário fruto de um desconhecimento geográfico que enxerga-o através de uma ótica preconcebida.

Ifemelu diante dos dilemas de viver nos Estados Unidos, cria um *blog*, inicialmente intitulado *Observações curiosas de uma negra não americana sobre a questão da negritude na América*. O *blog* surge da sua necessidade de refletir sobre o significado de ser mulher, negra e africana nos Estados Unidos, mergulhando no que Conceição Evaristo chama de ‘escrivência’¹, com tom de denúncia social. Ifemelu usa seus escritos para descrever os dramas do seu cotidiano no novo país. Por meio da escrita de resistência, a protagonista discorre sobre a questão identitária da população negra dentro do contexto estadunidense.

Em *Americanah*, o cabelo de Ifemelu é tema recorrente. Ao longo dos capítulos, a personagem passa por mudanças: do afro ao liso, das tranças ao tingimento, e esta questão do cabelo torna-se um símbolo importante da trajetória dela, sendo mencionado em diversos momentos da trama. A exemplo disso, pode-se destacar o fato que é plano de fundo de diversos momentos da trama: o trançamento dos cabelos da protagonista em um salão especializado para cabelos afro.

No romance, os cabelos trançados de Ifemelu, abrem margens para discussões de

¹ Escrevência: termo criado pela escritora brasileira Conceição Evaristo para referir-se às experiências dos indivíduos negros. Ela combina os termos “escrever” e “vivência” para descrever as práticas de escrever a partir das próprias vivências.

outros fatores presentes na obra como auto aceitação dos traços fenótipos, permitindo ao leitor ter maior compreensão da relação da personagem com o seu cabelo e identidade racial e de gênero. Na narrativa a seguir, por exemplo, os questionamentos da protagonista sobre como o cabelo da mulher africana e afro-americana é vista nos Estados Unidos vai ao encontro do que a escritora Grada Kilomba (2019) chama de fabricação de sinais da branquitude e seu processo violento de padronização dos corpos negros.

Só eu que acho, ou isso aí é a metáfora perfeita para a raça nos Estados Unidos? Cabelo. Já viu como, nesses programas de televisão que transformam a aparência da pessoa, as mulheres negras sempre têm o cabelo natural (crespo, enrolado, *pixaim*) na foto feia do “antes” e como, na foto bonita do “depois”, alguém pegou um pedaço de metal quente e queimou o cabelo delas para ficar liso? Algumas mulheres negras, tanto americanas como não americanas, preferem sair peladas na rua a aparecer em público com seu cabelo natural. Porque, vejam bem, não é profissional, sofisticado, sei lá, simplesmente não é normal. (...) Quando você TEM o cabelo natural de negro, as pessoas acham que você “fez” alguma coisa com ele. (ADICHIE; 2013, p. 322)

O excerto acima faz parte de uma das publicações do *blog* de Ifemelu. Nele é possível inferir algumas reflexões sobre os padrões de beleza na sociedade norte-americana e questões envolvendo a aceitabilidade do cabelo natural da mulher negra. O fragmento, ainda, demonstra a existência de uma adequação de padrões de beleza femininos. As tentativas de padronizar esteticamente os sujeitos, a partir da relação com o cabelo, são simbolicamente um reflexo dessa entrelaçada complexidade na estrutura social.

Em *Americanah*, Adichie retrata a facilidade com que produtos alisantes para cabelos crespos podem ser encontrados nas lojas nos Estados Unidos. Ela ressalta a temática no seguinte fragmento da obra: “Havia uma variedade imensa de relaxante, caixas e mais caixas na seção de “cabelo étnico” da farmácia, com fotos de mulheres negras sorrindo com cabelos impossíveis de tão lisos e brilhantes” (Adichie; 2013; p. 220). O excerto evidencia como esses produtos de alisamento eram dedicados às mulheres negras, a fim de submetê-las ao sentimento de desejo de modificar a estética dos cabelos para atender um padrão de beleza vigente. Segundo Kilomba (2019; p. 70), ao longo da história, o indivíduo negro vem sendo pressionado a alisar o cabelo com produtos químicos desenvolvidos por europeias. Para a autora, “Essas foram formas de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos” da negritude”. A imagem da mulher ideologicamente aceitável perpassa a simbologia presente na narrativa de Ifemelu na descrição dos produtos relaxantes que ela encontrava nas lojas de cosméticos.

A leitura analítica dos dados sinaliza que a escritura de Chimamanda Ngozi Adichie, tanto em seu caráter literário quanto sociocultural, afigura-se como um marcador de

descolonização. Através de uma escrita incisiva de denúncia social, a escritora problematiza por meio da literatura os dramas do sujeito migrante longe de sua terra, sobretudo na perspectiva da mulher como protagonista da sua própria narrativa.

CONCLUSÕES

Nesta investigação foram coletados dados que emergiram da exploração crítica de eventos narrativos do livro *Americanah*, da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Na obra em pauta, é contemplada a reflexão sobre a representação da mulher negra na sociedade contemporânea. A leitura analítica dos dados sinaliza que, ao apresentar narrativas experienciais sobre a trajetória de uma mulher negra e africana em situação de diáspora, a autora transporta para a literatura a figura feminina em protagonismo na contemporaneidade.

Sob a perspectiva de desconstrução cultural, o romance apoia-se na problemática dos emblemas que moldam a identidade racial e de gênero do sujeito diaspórico. A construção do enredo do romance, possibilita esse olhar crítico através das experiências diaspóricas dos protagonistas - Ifemelu e Obinze - personagens em deslocamento, enfrentam conflitos que percorrem questões inerentes a adaptação cultural e em relação à autoimagem, advinda de dilemas de autoestima. No romance, ambos vivenciam experiências que moldam suas perspectivas diante dos desafios do não pertencimento e das relações interculturais. *Americanah* constitui-se assim como um romance que evidencia os sujeitos em uma dimensão de expressão política de raça, gênero e empoderamento.

APOIO FINANCEIRO

Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, C. **Americanah**. Tradução: Júlia Romeu. São Paulo. Companhia das Letras, 2014.

ADICHIE, C. **O perigo de uma história única**. YouTube, 07 de outubro de 2009. Disponível em: <<https://youtu.be/D9Ihs241zeg>>. Acesso em 10 de agosto de 2023

BONNICI, T. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**. Mimesis, Bauru, v. 19, n.

1, p. 07-23, 1998.

BRAGA, Cláudio R. V. **A literatura movente de Chimamanda Adichie** : pós colonialidade, descolonização cultural e diáspora / Cláudio R. V. Braga . – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2019

CRUZ, Edna Sousa. **Americanah e a ficção movente da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie**. Projeto de Iniciação Científica (PIBIC); p. 03-09, 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva,Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEWETT, Heather. **Coming of age**: Chimamanda Ngozi Adichie and the voice of the third generation. English in Africa, Centurion (África do Sul), v. 32, n. 1, p. 73-97, 2005.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**: Episódios de Racismo Cotidiano.Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.